

## «BACK INTO THE AMERICAN CONTINUITY OF CRUST AND MANTLE»: DA CIDADE INSCRITA À CIDADE EM ESCRITA

Joana Lima  
Universidade Lusófona do Porto

No contexto norte-americano, falar da noção de cidade implica olhar para além das complexas redes sociais, económicas, políticas e culturais que se interligam em espaços mais ou menos urbanizados. É necessário considerar o facto de que na América a cidade assenta no princípio da *Cidade erguida na Colina* e esta dimensão mítica e simbólica que inspira os colonos recém-chegados a Nova Inglaterra é perpetuada nas gerações seguintes, refletindo-se igualmente no panorama literário norte-americano.

**Palavras-chave:** Cidade, Escrita, América.

---

Within the North-American context, talking about the notion of city means looking beyond the complex social, economic, political and cultural networks which are interconnected in more or less urbanized spaces. It is necessary to consider the fact that in America the city is based on the principle of the *City Upon a Hill* and this mythical and symbolic dimension that inspires the newly arrived settlers to New England is perpetuated in the subsequent generations, reflecting itself in the American literary landscape as well.

**Keywords:** City, Writing, America.

---

No contexto histórico norte-americano, e talvez mais do que em qualquer outro contexto, falar da cidade implica ir além de considerações meramente objetivas, pautadas pelo rigor do que é mensurável, por características ou definições que permitam a categorização. As complexas redes sociais, económicas, políticas, culturais e o grau maior ou menor de urbanização não são suficientes, no caso norte-americano, para traduzir a dimensão mítica e simbólica que a Cidade adquire na América. E isto porque a Cidade, erguida na colina, é a América. E porque a América já era a Cidade antes mesmo de o ser. E porque a Cidade acolhe arranha-céus, ruas numeradas, passos apressados, pensamentos alienados. E porque a Cidade conserva o seu pastoralismo inicial, as cores do passado étnico, os tiros do velho Oeste, os espirituais de libertação, os sons dos *blues*, do *jazz* e do *rock and roll* e os subúrbios de *Wisteria Lane*.

A ideia de um paraíso perdido a resgatar, de um espaço utópico a haver, existia já há muito no imaginário europeu; Cristóvão Colombo descobriu o que já havia sido sonhado, lembram Howard Temperley e Malcolm Bradbury: «In a sense, as historians have argued, America was invented before it was discovered» (Bradbury 1998, 3). Temperley e Bradbury remetem a existência da América, bem como a sua «pré-existência», para o domínio do reflexo, da imagem, da projecção: «From its finding and founding, and even before, America has been a point of refraction – less an objective reality than a mirror, in which

observers have seen their own reflections» (Bradbury 1998, 1). O novo território é espaço de possibilidades, de sonhos e de expectativas a concretizar, quadro inesgotável de variáveis, o *Ground Zero* onde tudo pode ser edificado, o lugar mítico de promessa-a-haver.

Pensar na América enquanto reflexo, imagem ou projeção implica pensar em referentes, implica equacionar a existência de um universo de conhecimentos prévios, implica, necessariamente, convocar o imaginário europeu. Na Atlântida de Platão, na *Iliada* de Homero, na *Eneida* de Virgílio, no Paraíso bíblico, nas misteriosas cidades do ouro, na *Utopia* de Thomas More, ou em *A Cidade do Sol* de Campanella, é traçado o desenho do lugar ideal. Se na génese da América subsiste este vínculo com a longa tradição europeia, o seu princípio identitário assenta, acima de tudo, no Texto Sagrado. Inscrita na imaginação e inscrita na Palavra, a Cidade – que é a América – é verbalizada por John Winthrop, em 1630, a bordo do Arbella: «For we must consider that we shall be as a city upon a hill» (Poirier 1970, 16). No seu discurso «A Model of Christian Charity», Winthrop convoca o sentido simbólico de Jerusalém e do povo de Israel, preparando os colonos puritanos para o cumprimento da profecia: o povo eleito, a bordo do Arbella, predestinado à salvação, tem diante de si a terra prometida. E a possibilidade de concretização de um novo mundo neste espaço em branco pode ser identificada, tal como sustenta Krishan Kumar, com a própria ideologia americana: «the idea of America's special destiny, was a central part of the national ideology – almost *the* national ideology» (Kumar 1987, 81). A mesma ideia é-nos transmitida pelas palavras de Sacvan Bercovitch: «Puritan migration has served, rhetorically, as a communal passage into American identity», «their religious venture in utopia (. . .) has expanded into our democratic city on a hill; their errand into the wilderness has culminated in our manifest destiny» (Bercovitch 1996, 3). Na realidade, em 1630, Winthrop institui a Cidade inscrita e dá início à Cidade em escrita.

A palavra *escrita* diz respeito à representação do pensamento, por meio de sinais convencionais. Segundo Roland Barthes, a escrita tem um grau zero e cada nova escrita transporta em si traços de escritas anteriores, incorpora memórias e promete possibilidades, assume-se enquanto «compromisso entre uma liberdade e uma recordação» (Barthes 1997, 22). Este modo de ser da escrita permeia a escrita-voz de Winthrop e o pensamento dos colonos que o acompanham: apesar do espírito de dissidência relativamente à identidade europeia, quer Winthrop quer os restantes colonos fazem-se acompanhar de usos culturais, sociais, religiosos, políticos e económicos que os ligam ao velho continente, que os ligam à memória. Por outro lado, a Cidade inscrita promete possibilidades, promete liberdade, é página em branco à espera de ser escrita.

Esta escrita, o cumprimento deste destino, flui nas entrelinhas do projeto individual e da missão coletiva: os colonos são movidos por interesses e crenças individuais, mas agem em conformidade com um espírito comunitário que procura manter a sua identidade e coesão cultural. O discurso de Winthrop promove, desde logo, este sentido de união, de comunidade, de necessidade de pensar no bem comum: «For this end, we must be knit together, in this work, as one man. We must entertain each other in brotherly affection. We must be willing to abridge ourselves of our superfluities, for the supply of others' necessities» (Poirier 1970, 16). Por outro lado, e assim como mais tarde Max Weber viria

«Back into the American Continuity of Crust and Mantle»:  
Da Cidade Inscrita à Cidade em Escrita

a observar, este mesmo discurso sugere a relação entre a ética protestante e o espírito capitalista:

We must uphold a familiar commerce together in all meekness, gentleness, patience and liberality. We must delight in each other; make others' conditions our own; rejoice together, mourn together, labor and suffer together, always having before our eyes our commission and community in the work, as members of the same body. (...) We shall find that the God of Israel is among us (...) when He shall make us a praise and glory that men shall say of succeeding plantations, may the Lord make it like that of New England. (Poirier 1970, 16)

Não obstante o facto de a fundação de Jamestown, em 1607, e de Plymouth, em 1620, pressuporem este mesmo princípio comunitário, bem como a escrita do «Mayflower Compact», em 1620, é Winthrop quem inicia a dimensão mítica e simbólica da comunidade errante que chega à América e quem dá voz aos temas fundadores americanos: a viagem destes colonos é desígnio divino e o seu progresso faz parte da sua demanda espiritual. A prosperidade, o desenvolvimento, o progresso material, moral e religioso, enquadrados neste sentido de missão, movem os puritanos que procuram desbravar o território desconhecido do novo continente. A crença na missão divina e na construção da Cidade da colina inspiram estes recém-chegados a Nova Inglaterra e esta visão religiosa vai determinar toda a dinâmica política, social, económica e cultural das colónias puritanas, fazendo-se sentir nas gerações seguintes e refletindo-se no panorama literário norte-americano.

No romance *The Scarlet Letter*, de Nathaniel Hawthorne, a dimensão simbólica da Cidade e o alcance da doutrina puritana são assumidos pelo narrador, logo no início da obra, em «The Custom House»:

This old town of Salem—my native place, though I have dwelt much away from it both in boyhood and maturer years—possesses, or did possess, a hold on my affection, the force of which I have never realized during my seasons of atual residence here. (...) The sentiment is probably assignable to the deep and aged roots which my family has stuck into the soil. It is now nearly two centuries and a quarter since the original Briton, the earliest emigrant of my name, made his appearance in the wild and forest—bordered settlement which has since become a city. (Hawthorne 1988, 8)

E é na velha cidade de Salem que a letra A, descoberta dois séculos depois de ter sido bordada por Hester Prynne, estabelece o vínculo entre os colonos que no século XVII chegam a Nova Inglaterra e seguem a doutrina puritana e a geração do século XIX cuja visão de mundo continua influenciada por essa mesma doutrina. A realidade social de Hester Prynne apresenta-se, pois, como herança histórica e cultural do narrador. O espírito dissidente de Hester e o seu afastamento da doutrina puritana fazem com que a personagem procure viver num local afastado da cidade:

Her intellect and heart had their home, as it were, in desert places, where she roamed as freely as the wild Indian in his woods. For years past she had looked from this estranged point of view at human institutions, and whatever priests or legislators had established; criticizing all with hardly more reverence than the Indian would feel for the clerical band, the judicial robe, the pillory, the gallows, the fireside, or the church. The tendency of her fate and fortunes had been to set her free. The scarlet letter was her passport into regions where other women dared not tread. (Hawthorne 1988, 136)

Se o comportamento da personagem, neste cenário que se desenha fora dos limites da cidade, remete para um forte sentido individualista e sugere a divergência, a verdade é que o vínculo à comunidade puritana é mantido e o espaço de Hester torna-se também ele Cidade: «‘Do you see that woman with the embroidered badge?’ they would say to strangers. ‘It is our Hester—the town’s own Hester—who is so kind to the poor, so helpful to the sick, so comfortable to the afflicted!’» (Hawthorne 1988, 111). Na verdade, os traços distintivos da personagem diluem-se no sentido de unidade e identidade comunitária e espacial. Hester repete os passos do explorador que antes de si desbravou o território desconhecido e a sua vida, tal como a do explorador, passa a integrar a narrativa histórica puritana.

Mas o desenho espacial da América recebe mais viajantes e transformadores de fronteiras e a Cidade é escrita a Norte, a Sul, a Este e a Oeste. Tal como nos diz Emerson, a ampla geografia da América é entregue à imaginação:

Our log-rollings, our stumps and their politics, our fisheries, our Negroes and Indians, our boats and our repudiations, the wrath of rogues and the pusillanimity of honest men, the northern trade, the southern planting, the western clearing, Oregon and Texas, are yet unsung. Yet America is a poem in our eyes; its ample geography dazzles the imagination, and it will not wait long for metres. (Emerson 1964, 338)

A Cidade erguida na colina é feita de índios, colonos e escravos negros, é vida comunitária, é natureza e espaço urbano, é fronteira definida do Oeste e é nova fronteira, é expansão, é cenário político, é palco do comércio do Norte, é o Este da indústria, da iniciativa e do lucro, é a vontade aristocrática e a extensão das plantações do Sul. Todavia, apesar das diferenças políticas, sociais e culturais entre as colónias, os anos que precedem a revolução americana assistem à formação progressiva de uma identidade cultural única e a cidade de Boston constitui-se como símbolo dessa mesma identidade. A visão de mundo americana é dada por Nova Inglaterra que domina ideologicamente as treze colónias da união. Depois da revolução, a Cidade, que é a América, prova ser mais do que uma imagem estática do paraíso perdido reencontrado e projeta o seu dinamismo para o resto do mundo, revelando-se uma potência historicamente ativa (Bradbury 1998, 6).

As diferenças entre as colónias não tardam, no entanto, a dividir o Norte industrializado e o Sul latifundiário e as grandes tensões políticas e sociais entre os estados das duas regiões culminam na guerra civil que decorre entre 1861 e 1865. A vontade de desenvolvimento comercial e de crescimento económico do Norte, com necessidade de medidas

protecionistas, opõe-se ao liberalismo económico e à escravatura do Sul. Tal como o Norte, também o Sul assiste à mesma expansão geográfica, desenvolvendo o mesmo sentido de fronteira, mas as suas características geográficas, históricas, políticas, económicas, sociais, religiosas e culturais são muito distintas daquelas que caracterizam os estados do Norte. Em *The Adventures of Huckleberry Finn*, Mark Twain mostra-nos precisamente o modo como o imaginário Sulista se desenvolve em torno de um ideal aristocrático e de uma visão pastoril. Huck move-se num cenário natural, encontrando na água do Mississípi a possibilidade de um recomeço. Enquadrada numa visão ideológica do espaço, é a natureza que assegura a Huck a continuidade da América enquanto promessa.

As tradições do Este foram igualmente perpetuadas na fronteira do Oeste. Para Frederic Jackson Turner a fronteira simboliza a mobilidade no espaço virgem, a possibilidade do recomeço contínuo, o espírito empreendedor e aventureiro, a separação entre o colonizado e o não colonizado, ou seja, a fronteira assenta igualmente em espaço ideológico. R. A. Burchell e R. J. Gray recusam a visão tradicional da fronteira enquanto *wilderness* proposta pela imagética popular, sustentando que a vontade da diferença, da separação e da individualidade não foram, de facto, concretizadas. A fronteira a Oeste, argumentam os dois autores, não correspondia à *wilderness*, mas ao espaço que mediava esta última e o Este, facto que fazia com que o vínculo ideológico persistisse (Bradbury 1998, 109). O controlo do governo em relação à expansão territorial nesta região diminui após a revolução de 1776. Por outro lado, os caminhos de ferro desenvolvem-se, facilitando as trocas comerciais, a mobilidade e o progresso. À medida que o século XIX avança, o trabalho agrícola vai perdendo dimensão e o Oeste torna-se a área mais urbanizada da nação, depois do Noroeste.

A experiência real e mítica da fronteira inspira o surgimento da sociedade urbana moderna: a industrialização, o crescimento das cidades, o desenvolvimento dos sistemas de transportes, a eletricidade, o melhor aproveitamento dos recursos naturais, as inovações tecnológicas, as estradas, os meios de comunicação social perpetuam esta ideia de iniciativa e de progresso que move o homem da fronteira. Entre 1880 e 1910 milhares de pequenas vilas foram transformadas em cidades, observam Brian Lee e Robert Reinders (Bradbury 1998, 181). No entanto, esta grande e rápida expansão dos centros urbanos traz mudanças significativas em termos de qualidade de vida: as novas estruturas urbanas e industriais mudam paisagens e consciências e desenvolvem um sentimento de nostalgia urbana relativamente a um passado rural. Por outro lado, aumenta o número de imigrantes nas cidades e este pluralismo social urbano, embora fonte de grande riqueza cultural, leva ao sobrepovoamento, a más condições de vida e a conflitos sociais. Na viragem do séc. XX, a cidade é já uma forma urbana distinta, a metrópole que exhibe orgulhosamente os seus arranha-céus.

Os sentimentos de patriotismo e idealismo que inspiram a participação americana na Primeira Guerra Mundial são substituídos por marcas de desilusão, fazendo crescer o desejo de construir o que fosse genuinamente americano. Os anos vinte assistem, então, a uma época de grande crescimento económico e evolução das cidades. No entanto, o desenvolvimento da sociedade de massas, da indústria de bens de consumo, da indústria

automóvel e dos meios de comunicação social é acompanhado por sentimentos de alienação e fragmentação. A produção literária da *Lost Generation* reflete bem o desalento profundo perante uma América materialista e vazia. Na cidade de John Dos Passos, em *Manhattan Transfer*, os sons, as cores e os brilhos contrastam com o esvaziamento moral e social. Nas descontinuidades da vida moderna, a cidade retira identidade aos seus habitantes. Aumenta a violência e o crime organizado. Ressurge o racismo. É a era da *Harlem Renaissance*; é a era do jazz. E a Cidade de *Invisible Man* já não é espaço de possibilidades, é uma cidade fria e impessoal, na qual a identidade se dilui na máscara, mentira ou invisibilidade.

Todavia, o espírito do homem da fronteira continua a fazer-se sentir. Os anos trinta, enfrentando as repercussões do *crash* bolsista de 1929, assistem à Grande Depressão, mas vivem também o *New Deal* de Roosevelt, e a rádio e o cinema perpetuam a imagem da América como terra de possibilidades. Nos anos quarenta, os efeitos da Segunda Guerra Mundial, a divisão social e ideológica e os medos económicos também não impedem a permanência de um sentido de missão, assim como a Guerra da Coreia e a Guerra-Fria, o conservadorismo e o receio do comunismo, nos anos cinquenta, não travam o desenvolvimento industrial e o crescimento da cultura de massas e o cosmopolitismo. A Cidade, que é a América, torna-se uma superpotência. Do mesmo modo, os anos sessenta assistem aos conflitos com Cuba e a União Soviética, à Guerra do Vietnam, a instabilidade social e problemas raciais a par com a nova fronteira de Kennedy. E desenvolvem-se os subúrbios, ressurgem os espaços pastoris agora nos limites do espaço urbano.

Em *The Crying of Lot 49*, Thomas Pynchon explora a década de sessenta através de uma viagem pelo espaço geográfico americano. Oedipa Maas, a protagonista, deixa o seu universo banal e rotineiro de *Kinneret* e parte para *San Narciso* para executar um testamento. Nesta cidade ficcional, delineada na continuidade americana de crosta e de manto, um manto que a precede e que a cobre, Oedipa encontra uma terra de sentido(s) feita de palavras: «San Narciso lay farther south, near L.A. Like many named places in California, it was less an identifiable city than a group of concepts – census tracts, special purpose bond-issue districts, shopping nuclei, all overlaid with access roads to its own freeway» (Pynchon 1996, 14). A cidade resulta de um grupo de conceitos – sistemas, instituições e estruturas que a sua existência e o seu funcionamento implicam. O nome da cidade não lhe confere qualquer traço distintivo é apenas mais um, diz-nos Oedipa, entre os vários que nomeiam as diversas cidades californianas. O conjunto de associações que a personagem estabelece em relação ao que fundamenta e caracteriza a vida da cidade também se revela um testemunho banal do artificialismo e materialismo do mundo moderno. Os seus habitantes reduzem-se, como se pode inferir das palavras de Oedipa, a relações numéricas, a estatísticas, implícitas em documentos relativos ao seu recenseamento. As restantes características de *San Narciso* mencionadas pela personagem implicam formas de organização social, administrativa, política e cultural que traduzem a evolução e o progresso. Estas qualidades, contudo, não são reveladoras de um sentido especial para Oedipa. A individualidade de *San Narciso* resulta apenas do facto de esta cidade corresponder ao espaço a partir do qual Pierce Inverarity estabelece o seu domínio: «and that, she

supposed, would set the spot apart, give it an aura» (Pynchon 1996, 14); pela associação a Inverarity, a cidade adquire não só a sua identidade como promete um sentido espiritual, os seus traços sugerem um significado oculto:

The ordered swirl of houses and streets, from this high angle, sprang at her now with the same unexpected, astonishing clarity as the circuit card had. Though she knew even less about radios than about Southern California, there were to both outward patterns a hieroglyphic sense of concealed meaning, of an intent to communicate. (Pynchon 1996, 14-15)

A lógica inerente ao circuito ordenado de um rádio e a organização das ruas da cidade dissipam-se na sugestão de um desenho labiríntico e na claridade inesperada e surpreendente de *San Narciso*. O espaço desconhecido e o mistério de um significado ainda por revelar transformam Oedipa em exploradora dos sentidos que se escondem nas ruas da cidade: «As if (as she'd guessed that first minute in San Narciso) there were revelation in progress all around her» (Pynchon 1996, 29). A sacralidade atribuída por Oedipa ao local vai coincidir com a sensação de palavras pronunciadas noutra frequência, no centro de um instante religioso: «she and the Chevy seemed parked at the centre of an odd, religious instant. As if, on some other frequency, or out of the eye of some whirlwind rotating too slow for her heated skin even to feel the centrifugal coolness of, words were being spoken» (Pynchon 1996, 15); a promessa de revelação é indissociável da linguagem. Terminado o instante religioso, Oedipa continua a sua viagem numa estrada que lhe parece irreal, quer pela sua extensão, quer pelos números dos edifícios que parecem não ter fim. No entanto, acaba por reconhecer características benéficas no caminho que percorre: «What the road really was, she fancied, was this hypodermic needle, inserted somewhere ahead into the vein of a freeway, a vein nourishing the mainliner LA, keeping it happy, coherent, protected from pain, or whatever passes, with a city, for pain» (Pynchon 1996, 16). Concebido pelas palavras, o simbolismo de San Narciso dissolve-se igualmente na linguagem e o seu elemento mágico perde-se no seu próprio nome e no espaço americano: «San Narciso at that moment lost (the loss pure, instant, spherical, the sound of a stainless orchestral chime held among the stars and struck lightly), gave up its residue of uniqueness for her; became a name again, was assumed back into the American continuity of crust and mantle» (Pynchon 1996, 123). O poder e simbolismo de *San Narciso* decorrem da intuição e imaginação de Oedipa Maas, a personagem transforma a cidade desenhada no mapa em espaço aberto à interpretação, em espaço de possibilidades: «There was the true continuity, San Narciso had no boundaries. No one knew yet how to draw them» (Pynchon 1996, 123).

A estadia em San Francisco acaba por ser igualmente perturbadora para Oedipa Maas; imagens, melodias e palavras escritas integram o tecido textual urbano, situando-se alures entre o sonho e a realidade e assumindo protagonismo numa deambulação noturna pela cidade. Por uns breves momentos, Oedipa acredita ter descoberto o sentido da cidade: «The city was hers, as, made up and sleeked so with the customary words and images (cosmopolitan, culture, cable cars) it had not been before . . . Each clue that comes is *supposed* to have its own clarity, its fine chances of permanence» (Pynchon 1996, 81). Nas

suas cidades de palavras e imagens, Oedipa encontra a América e a sua viagem traduz-se numa demanda de identidade individual, histórica, cultural, mítica e literária.

Em *Moon Palace*, de Paul Auster, a viagem física protagonizada por Marco Stanley Fogg na geografia urbana de Nova Iorque e a sua experiência na caverna de Central Park correspondem igualmente a momentos de exploração individual, a um trajeto nas coordenadas da história e do mito, a percursos pela escrita, a uma procura de sentidos. Fogg recupera um lugar original e de sentido(s), permitindo ao corpo e à consciência a descoberta, o questionamento e a reinvenção do território. Em Central Park, o viajante submete-se a um processo de descorporização, de apagamento de identidade e de esvaziamento da sua existência mítica e histórica, reassumindo, através da experiência da caverna, o seu estatuto corporal integrado num espaço-mundo reescrito. Narrativas da América permeiam as memórias pessoais de Fogg e são reescritas neste centro de mistério e iniciação: a descoberta e a exploração de territórios desconhecidos. No parque urbano, Fogg encontra como que um grau zero da espacialidade: «this was New York, but it had nothing to do with the New York I had always known. It was devoid of associations, a place that could have been anywhere» (Auster 1989, 56); embora ciente do traçado geográfico da cidade, o protagonista autonomiza o parque e apropria-se mentalmente deste espaço, retomando o mito da terra prometida, prestes a ser reinventado. Se as ruas nova-iorquinas são dominadas pelos corpos que se movem num tempo urbano marcadamente acelerado e que agem em função de um conjunto de normas pré-determinadas, aceites e esperadas – «In the streets, everything is bodies and commotion, and like it or not, you cannot enter them without adhering to a rigid protocol of behaviour» (Auster 1989, 56), em Central Park, os corpos adquirem novas formas e expressões, assumem a liberdade de um movimento exclusivamente sensorial: «People smiled at each other and held hands, bent their bodies into unusual shapes, kissed» (Auster 1989, 57). É neste contexto espacial que se inicia o processo de mudança identitária e corporal de Fogg: «I felt that I was blending into the environment» (Auster 1989, 57); a sua integração neste ambiente faz com que a consciência de si se defina apenas interiormente, a construção de identidade parte de dentro, sem interferência exterior:

In the park, I did not have to carry around this burden of self-consciousness. It gave me a threshold, a boundary, a way to distinguish the inside and the outside. If the streets forced me to see myself as others saw me, the park gave me a chance to return to my inner life, to hold on to myself purely in terms of what was happening inside me. (Auster 1989, 57-58)

Numa pequena caverna, situada na grande caverna simbólica que é Central Park, a debilidade física e a doença enviam a personagem para um estado de quase inconsciência que o prende aos reflexos da sua degradação física progressiva, a sonhos de intensidade febril e a visões em constante mutação e, no mesmo delírio febril, transforma a fronteira urbana em cenário histórico da fronteira original:

Then, without any sense of falling asleep, I suddenly began to dream of Indians. It was 350 years ago, and I saw myself following a group of half-naked men

«Back into the American Continuity of Crust and Mantle»:  
Da Cidade Inscrita à Cidade em Escrita

through the forests of Manhattan. (...) and I went on following them in silence,  
moving as nimbly as they did, with each step feeling that I was closer to unders-  
tanding the spirit of the forest. (Auster 1989, 70)

A cidade de Auster, tal como a de Pynchon, e as cidades de tantos outros escritores norte-americanos incorporam memórias e prometem possibilidades, mantêm o compromisso entre a recordação e a liberdade, fazem-se de palavras assentes na colina e de palavras reinventadas. No panorama literário dos Estados Unidos, e no plano específico da literatura urbana, continuam a ser várias as obras cuja narrativa resulta de um desenvolvimento do tema da *Viagem* e são vários os romances nos quais as imagens espaciais e o movimento físico das personagens propiciam reflexões sobre a matriz mítica e cultural na qual assenta o pensamento norte-americano. Tal como nos diz Sidney Bremer, a literatura urbana revela o que está para lá dos arranha-céus: «our urban literature in fact challenges our skyscraper assumptions. Besides codifying alienation, our urban literature constructs experiences of “urban pastoralism” (Machor 1987), “cities of sisterhood” (Squier 1984), and “ancestors” in ethnic neighborhoods” (Morrison 1981b)» (Bremer 1992, 1-2). Reescrevem-se as cidades dentro da Cidade: «back into the American continuity of crust and mantle» (Pynchon 1996, 123).

## Bibliografia

- Auster, Paul. 1989. *Moon Palace*. London and Boston: Faber and Faber.
- Barthes, Roland. 1997. *O Grau Zero da Escrita*. Trad. Maria Margarida Barahona, Lisboa: Edições 70.
- Bercovitch, Sacvan and Myra Jehlen, eds. 1996. «The Scarlet Letter: A Twice-Told Tale.» *Nathaniel Hawthorne Review*, 22.2:1-20, Frederick Newberry (ed.). Pittsburgh: Duquesne University.
- Bradbury, Malcolm e Howard Temperley, eds. 1998. *Introduction to American Studies* (3rd Edition). Essex: Pearson Education Limited.
- Bremer, Sidney H. 1992. «Introduction: Locating Urban Texts and Contexts in United States Literature». *Urban Intersections: Meetings of Life and Literature in United States Cities*, 1-18. Urbana and Chicago: University of Illinois Press.
- Brodhead, Richard H. 1989. *The School of Hawthorne*. Paris, Oxford, New York: Oxford University Press.
- Caws, Mary Ann. 1993. *City Images: Perspectives from Literature, Philosophy and Film*, Yverdon, Camberwell, Paris, Berlin, Reading, Tokyo, Amsterdam: Langhorne, Gordon and Breach Science Publishers.
- Emerson, Ralph Waldo. 1964. «The Poet». *The Selected Writings of Ralph Waldo Emerson*, Ed. Brooks Atkinson, 319-341. New York: The Modern Library.
- Hawthorne, Nathaniel. 1988. *The Scarlet Letter*. New York and London: W. W. Norton & Company.
- Kumar, Krishan. 1987. *Utopia and Anti-Utopia in Modern Times*. Oxford: Basil Blackwell.

- LeGates, Richard T. e Frederic Stout, eds. 2000. *The City Reader* (2nd Ed.). London and New York: Routledge.
- Poirier, Richard e William L. Vance, eds. 1970. *American Literature: Volume 1*. Boston: Little Brown and Company.
- Pynchon, Thomas. 1996. *The Crying of Lot 49*. London: Vintage.
- Santos, Maria Irene Ramalho de Sousa. 1987. «Lugares de Sentido na Literatura Americana». *Revista Crítica de Ciências Sociais – Espaço e Industrialização* 22:159-172. Coimbra: Centro de Estudos Sociais.